



RESENHA

PEQUENO TRATADO DO DECRESCIMENTO SERENO

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Adriana Freire¹
Vanessa Marques da Silva Moraes²

Pequeno tratado do decrescimento sereno escrito por Serge Latouche, professor emérito de economia na Universidade de Paris-Sud XI (Orsay) nos convida a pensar e instiga a agir por uma sociedade equitativa e equilibrada ambientalmente, em detrimento da sociedade de consumo, cujo papel e consequências pontua brilhantemente, com inserções de autores das mais diversas áreas, convergindo ao pensamento do decrescimento.

No capítulo I - O Território do Decrescimento, o autor fotografa as várias percepções e indagações de diferentes pensadores da economia, sociologia, filosofia e ecologia. Aponta as mazelas da sociedade de consumo e com veemência agrega o desafio do decrescimento.

Inicialmente estreita a relação entre desenvolvimento e consumismo versus saúde para todos e erradicação da pobreza. O autor indaga para onde vamos e de onde viemos. Mas, na verdade pensamos em só o que vamos comer a noite. Um indício de que o homem é imediatista e raso.

Latouche relata no Território do Decrescimento, um “óvni” no microcosmo politiquero, o tema decrescimento, cujos movimentos com a postura “decrecente” inspira grupos na França, Itália, Bélgica e Espanha, e são os que pretendem promover uma pegada ecológica equitativa.

Delineia o decrescimento cuja principal meta é enfatizar fortemente o abandono do objetivo crescimento ilimitado, mas alerta catástrofe para a taxa de crescimento negativo. Não se pode olvidar que uma sociedade trabalhista não haja trabalho, uma sociedade de crescimento na qual não há crescimento (p. 5).

¹ Mestranda em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDIRE/UFT); Especialista em Educação Ambiental (IBPEX-PR) e Enfermagem do Trabalho (UNIRG-TO); Enfermeira e Bióloga; Técnica Administrativo na UFT, Campus Araguaína/TO. E-mail: adriana.freire@uft.edu.br.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais, PPGDire, da Universidade Federal do Tocantins, (UFT). Especialista em Direito Ambiental e Urbanístico. Advogada e Engenharia Ambiental. E-mail: vanessamoraes.adv@uol.com.br.



Batalhando as palavras e ideias, o decrescimento para muitos é sinônimo de desenvolvimento sustentável. Visto que desenvolvimento sustentável está a par de “conservar lucros e evitar a mudança de hábitos quase sem alterar o rumo”, é o que relata Hervé Kempf trazido por Latouche (p. 10). Neste viés, reitera que as diferenças entre desenvolvimento e crescimento devam ser colonizadas hodiernamente, a fim de descolonizar a intencional ideologia dominante.

Historicamente, o decrescimento remonta da crítica culturalista da economia e da ecologia, mas foi desde o fim dos anos 1960 que por, André Gorz, François Partant, Jacques Ellul, Bernard Charbonneau, sobretudo Cornelius Castoriadis e Ivan Illich, que o decrescimento tomou corpo, por questionamentos sobre a sociedade de consumo e suas bases imaginárias como progresso, ciência e técnica. Em 1970, o economista romeno Nicholas Georgescu-Roegen, soube perceber as implicações bioeconômicas da lei da entropia. Para ele, a produção grande gera grandes resíduos, decorre então a impossibilidade de um crescimento infinito num mundo finito.

Arelado ao crescimento, a geração dos resíduos à mesma potência não se encontra sozinha no patamar da economia, têm-se também a toxicodependência do crescimento assinalada por Latouche, quando traz o aumento do consumo de antidepressivos, drogas, injetadas pela publicidade que arranca o hiperconsumo e traz a satisfação dessa sociedade entranhada no ter.

O autor assevera que é preciso corrigir a tempo as disfunções, compreendendo e controlando o meio em que vivemos, visto constatar que, somente o crescimento permitirá oferecer-se o luxo do decrescimento. Não se tratando de voltar à Idade da Pedra, nem tampouco se tratar de uma inversão mecânica do crescimento, busca-se no decrescimento, uma sociedade autônoma, certamente mais sóbria e, sobretudo, mais equilibrada. Isto porque a situação do Planeta e da humanidade é delicada. O autor traz o teorema da alga verde em contraponto com a sabedoria do caracol para demonstrar tamanha problemática. Esta, se proliferando como o consumismo, o crescimento e o desequilíbrio e àquela, o ensinamento de que a lentidão não roga insucesso, produz perenidade.

Mais adiante relata que o crescimento econômico excessivo choca-se com os limites da finitude da biosfera a ponto de estarmos vivendo à crédito, sendo necessário outros Planetas para pagar a dívida da insustentabilidade. Na pegada ecológica da sustentabilidade,



decorrente principalmente das catástrofes ambientais, a sociedade de consumo segue sustentando o insustentável.

A solução trazida por Serge Latouche seria a redução do número de habitantes no Planeta, vislumbrada por Henry Kissinger, em 1974? Assim restaria equalizada a equação da sustentabilidade? Por certo que não. É fato que um Planeta finito é incompatível com uma população infinita (p. 32). Mas o livro busca respostas na literatura e garante o ponto de vista dos principais pensadores no sentido de ser imperativo, no atual século, a espécie humana chegar a uma estabilização de sua população. Sendo pois, falsa a solução de redução de população, mas sim de administração dos recursos disponíveis com honestidade e equidade, sinalizando Latouche ser o desafio do decrescimento (p. 35).

Em seu capítulo II - O Decrescimento: uma utopia concreta, Latouche avança na concretude da utopia decrescimento, alegando que deve haver revolução cultural, que culminará numa refundação do político, já que todos os regimes sejam eles república, ditaduras ou sistemas totalitários, foram produtivistas, todos propuseram o crescimento econômico (p. 40).

O projeto de decrescimento possui etapas desse processo de transformação, um círculo virtuoso, perpassando pelos oito erres, oito mudanças interdependentes que se reforçam mutuamente, reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar, capazes de desencadear um processo de decrescimento sereno, convivial e sustentável, nas palavras de Serge Latouche (p. 42).

Desenrola os oito erres como uma receita de sucesso para o alcance do equilíbrio econômico e ambiental, imperando premissas para tal como, fazer de outra forma o que vem sendo feito, aprender a realidade, mudar valores, gerir os limites da natureza, pensar e agir localmente, recuperar a ancoragem territorial, diminuir e limitar o consumo, repetir o uso para aumentar a vida útil, dentre outras. Afirma por fim, que esta revolução cultural dos oito erres está ancorada em um erre ostensivo, o resistir.

Reconhecida a importância dos oito erres para o decrescimento, ressalta-se três erres primordiais, a reavaliação, a realocação e a redução, garantindo condição *sinequa non* para o a utopia concreta do decrescimento.

Aprimorando o projeto do Tratado de Decrescimento Sereno, Serge Latouche traz o decrescimento sob a ótica local, voltando-se à velha fórmula dos ecologistas: pensar globalmente e agir localmente. Assim como Michel Torga em 1954, “o universal é o local



menos os muros” lembra o autor (p. 63). Deste modo, compreendendo duas facetas interdependentes, a inovação política com estratégica ecológica para o território e a autonomia econômica local. Avança sugerindo a substituição da Organização Mundial do Comércio (OMC) para a Organização Mundial pela Localização (OML), tendo por *slogan* “Proteger o local globalmente” (p. 71).

E, como defensor convicto da necessidade de mudança no que diz respeito ao modelo econômico do crescimento pelo crescimento, nos instiga a refletir acerca dessa temática tão presente na atualidade, e nos invita a questionar essa lógica a partir de uma outra lógica, a do decrescimento, que o autor, embora denominando-a de “utopia fecunda”, acredita ser possível concretizá-la desde que haja condições necessárias para sua implementação, além de apontar os mecanismos para sua concretude.

A concepção da sociedade do decrescimento, proposta pelo autor, é uma forma de superação da modernidade com todas as suas adjetivações, consumo exacerbado, obsolescência programada dos produtos e acumulação ilimitada, características inerentes ao sistema capitalista e, portanto da sociedade do crescimento, na qual estamos inseridos e somos, de certo modo, atores atuantes nessa “[...] ideologia neoliberal subjacente [...], cujo resultado é a destruição do tecido social”, conforme afirma Latouche (p. 77).

O decrescimento tem seu cerne, de certa forma, nos países do hemisfério Sul, mas precisamente na África, para a qual o decrescimento da pegada econômica e também do PIB não é nem necessária, nem tampouco desejável. Para o referido autor, ousar o decrescimento no hemisfério supramencionado é tentar provocar um movimento em espiral para se pôr na órbita do círculo virtuoso dos oito erres, quais sejam: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar e reciclar.

Ainda no que tange ao círculo virtuoso dos oito erres, estes devem se organizar com outros erres complementares e alternativos, com destaque para dois deles: Romper com a dependência econômica e cultural em relação ao Norte e Reatar com o fio de uma história que foi interrompida pela colonização e a globalização, por exemplo, e desse modo recuperar a autonomia outrora perdida em razão da grande ofensiva do desenvolvimento.

O desenvolvimento, por sua vez, bem como a globalização e o imperialismo colonial foram, indubitavelmente, fatores preponderantes no processo de destruição da autonomia alimentar, na região africana, em meados da década de 60. Quanto a água, recurso natural extremamente ameaçado em decorrência dos desequilíbrios ambientais, antes de ser



maciçamente poluída pelos resíduos oriundos das indústrias, era comumente potável, independente da forma como ocorria sua distribuição. Essa destruição dos recursos naturais, perdura até os dias atuais e se estende às demais localidades do planeta nas quais estão presentes os processos acima mencionados.

Importa ressaltar que o decrescimento não deve ser entendido como um possível retrocesso da humanidade, mas em mudanças no estilo de vida da sociedade, de modo a transcender um simples rearranjo do sistema em vigência. Isto posto, implica compreender que a forma de produção e consumo desmedidos e irrestritos presentes no cotidiano da sociedade contemporânea, quase de forma hegemônica, é incompatível com a finitude e a capacidade de recuperação do planeta frente à essas questões e, portanto devem ser indagados incessantemente.

Nesse âmbito, o projeto do decrescimento tem um viés revolucionário, haja vista que trata-se de uma mudança de ordem cultural, bem como das estruturas jurídicas e das relações de produção, visando melhor qualidade de vida para a sociedade e para a sobrevivência do planeta. Assim sendo, como trata-se de um projeto de cunho político, no tocante a sua aplicabilidade, obedece mais a ética da responsabilidade do que à da convicção, afirma Latouche (p. 92).

O instigante nessa proposta de decrescimento é o seu potencial de exequibilidade, embora seja denominada de “utópica”, pelo próprio autor, foge do quimérico no que concerne a sua implementação. Nesse sentido, Latouche traz de forma concreta, medidas adjetivadas por ele de “muito simples e aparentemente quase anódinas”, que podem ser colocadas em prática para dar início aos denominados círculos virtuosos, e seus erros (p. 96).

Tais medidas visam resgatar uma pegada ecológica igual ou inferior a um planeta, e como forma de contribuição cita um retorno ao local e a caça ao desperdício; integrar nos custos de transporte; relocalizar as atividades; restaurar a agricultura camponesa, estimulando a produção mais tradicional possível; transformar os ganhos de produtividade em redução de tempo de trabalho e em criação de emprego, enfatizando o retorno a desmercantilização do trabalho e transformação qualitativa deste; impulsionar a produção de bens relacionais; reduzir o desperdício de energia; taxar pesadamente as despesas com publicidade e decretar uma moratória sobre a inovação tecnocientífica.

Os detalhes acerca das medidas supramencionadas e o caminho para o alcance desses objetivos estão colocados de forma explícita na obra do autor o que demonstra, de



certa forma, a sua defesa em prol da sociedade do decrescimento e a convicção acerca da necessidade da transformação da sociedade moderna que tem como discurso o crescimento como verdade iniludível. Nesse âmbito, Latouche assinala que “[...] podemos efetivamente dizer que estamos numa batalha pela sobrevivência da humanidade” (p. 77).

Considerando que a batalha é pela sobrevivência dos próprios seres humanos, o decrescimento situa-se na concepção de uma ecologia “profunda”, que evoca a inclusão do componente ecológico nos projetos políticos em suas mais variadas dimensões, seja econômica, social, cultural, ou de outra ordem, uma vez que o decrescimento ora citado, é compreendido pelo referido autor “como filosofia fundadora de um projeto de sociedade autônoma.”

Em uma sociedade na qual o viés industrial possui uma certa robustez, o decrescimento apresenta-se como fator antagônico ao crescimento ora vigente e ao sistema capitalista que impera de forma global. Todavia, apesar da força que possui o referido sistema, e diante dos desequilíbrios enfrentados pela sociedade contemporânea, principalmente de ordem estrutural, o decrescimento é uma resposta positiva no tocante a mudança de postura da sociedade e suas relações com o planeta. É um livro que nos conduz, de forma didática, a reflexão acerca da dualidade crescimento e decrescimento, e instiga a um aprofundamento nessa discussão.